

LEONIDAS HEGENBERG

Antonio Paim

Na sua passagem pelo Brasil, além da contribuição notável que nos deu no que respeita à pesquisa das relações luso-brasileiras, após a Independência, no plano do pensamento, Eduardo Soveral estimulou, na pós-graduação que organizou na Universidade Católica de Petrópolis, o estudo de autores brasileiros, ausentes ou com reduzida presença em nossa historiografia filosófica. Encontra-se neste caso a tese de mestrado, elaborada por Milton Eiras Duarte, dedicada a Leonidas Hegenberg.

Hegenberg ocupa uma posição singular na meditação filosófica contemporânea no Brasil. A geração que se notabilizou entre as duas guerras, conseguiu derrotar o positivismo no âmbito da ciência, isto é, ali onde seus partidários supunham estar firmemente plantados. Feito notável de homens como Amoroso Costa, Teodoro Ramos, Lelio Gama e diversos outros. Acontece que cada um deles foi se ocupar do ramo da ciência a que estava mais afeiçoado (a física, a química, a matemática, etc.), ficando inconclusa a obra de Amoroso Costa, que se propunha reconstituir a filosofia das ciências com base no rumo que estas haviam empreendido no século XX. Amoroso Costa faleceu no desastre de avião cujo vôo se organizara para homenagear Santos Dumont, em 1928.

A partir de meados da década de sessenta, essa tarefa foi assumida por Leonidas Hegenberg, na época completando 40 anos. E o fez com toda a amplitude, não só elaborando a partir de então uma obra monumental – constituída de cerca de vinte livros, além da grande quantidade de ensaios e artigos – como se dispendo a colocar ao alcance os mais importantes cultores contemporâneos da filosofia das ciências. Basta dizer que traduziu cerca de sessenta livros e grande número de artigos. Trabalhador incansável, Hegenberg pronunciou conferências em toda parte, orientou teses, etc.

A tese de Milton Eiras Duarte procura dar conta de toda essa massa colossal de indicadores mas optou por colocar em anexo os elementos de informação, antes resumidos, concentrando seu trabalho na análise e apresentação dos conceitos-chave que traduzem o pensamento de Hegenberg.

Seguindo a tradição naturalista dos homens de ciência, Hegenberg insinua que a ciência nasce da experiência cotidiana e consiste na crítica às crenças vulgares surgidas naquele nível. A partir daí, entretanto, conceituará a ciência com o imprescindível rigor. Milton Eiras destaca estes pontos: a linguagem científica; a hipótese; leis e teorias científicas. Muito apropriadamente, o autor separa a filosofia das ciências do conjunto que lhe dá origem. Ao contrário do positivismo, que tantas marcas perniciosas deixou em nossa cultura, Hegenberg destaca que o patamar filosófico não aumenta o conhecimento científico. Tal estudo, escreve, “em nada auxiliará ao pesquisador em seu laboratório”, sem embargo de que muito valorizará o seu interesse intelectual pela ciência.

A tese de Milton Eiras Duarte corresponde ao merecido reconhecimento, de uma parte da comunidade acadêmica, da significação da obra de Hegenberg para a cultura brasileira. Esse reconhecimento só não é unânime porque os cursos de filosofia chegaram em nossos dias a ser dominados por pessoas que não se dão conta da especificidade do saber filosófico e o querem subordinado à política (uma péssima

política, diga-se de passagem, a serviço do totalitarismo e, portanto, do obscurantismo e a tudo quanto há de mais visceralmente contrário ao saber). Tivemos, nos anos trinta e quarenta, os que a subordinavam à religião. E, nos ciclos anteriores, a outros segmentos da cultura. Mas ao lado dessa tradição negativa, a filosofia brasileira tem outra linhagem, votada ao aprofundamento da consciência filosófica, por isto mesmo destinada a sobreviver e a perdurar. Nesta, a posição de Hegenberg é de proeminência incontestada.

(Resenha da tese *O pensamento de Leonidas Hegenberg. Noção de ciência*, de Milton Eiras Duarte. Universidade Católica de Petrópolis, 1983. Transcrito da *Revista Brasileira de Filosofia*, n. 150, abril/junho, 1988).